

Falando de drogas sem hipocrisia

Antropóloga afirma que repressão às drogas não resolve o problema do aumento de seu consumo no Brasil e defende a criação de políticas públicas que disseminem a prevenção e a educação principalmente entre os jovens, os alvos mais cobiçados pelos traficantes



Patrícia Costa

Alba Zaluar tem uma grande experiência para falar de violência, drogas, pobreza e a visão deturpada sobre o assunto que iguala criminosos a meros usuários.

Segundo ela, o preconceito gera um círculo vicioso, pois colocar o jovem usuário na prisão o transforma em criminoso.

Alba é antropóloga, professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e do Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Nega-se a encarar o viciado em drogas como um criminoso e afirma que "ele é um doente e deve ser tratado como tal". Escreveu três livros: *A máquina e a revolta*, produto de sua tese de doutorado na Universidade de São Paulo (USP), de 1983, sobre os agentes da violência urbana; *Cidadãos não vão ao paraíso*; e *O condomínio do diabo*, resultado de suas pesquisas nas favelas do Rio de Janeiro, além de *Drogas e cidadania*, coletânea de vários autores que ela organizou.

Em entrevista a *cadernos do terceiro mundo*, Alba Zaluar fala sobre a necessidade de se desenvolver no Brasil uma política de prevenção e educação, e sugere a realização de uma Conferência Internacional de Redução de Riscos que, segundo ela, seria a chance de trazer para cá especialistas de todo o mundo que já estão obtendo resultados concretos, e que ensinariam a combater de modo racional o uso e a disseminação das drogas no país.

■ **Quais os mecanismos concretos que o Estado poderia desenvolver para enfrentar o problema do avanço do consumo de drogas?**

AZ – No âmbito da educação, da prevenção e da saúde, em primeiro lugar. Eu acho que as escolas deveriam abrir espaço para discutir a questão das drogas com seus alunos, livremente, honestamente, sem hipocrisia, para que o jovem tivesse a possibilidade de conversar sobre esse assunto com pessoas mais velhas do que ele. Em geral, isso não acontece, pois os jovens acham que todos os adultos são hipócritas, pois bebem, fumam, mas tratam seus próprios vícios como se não fossem vícios, e tratam os vícios dos jovens como coisas do diabo. O jovem fica confuso, evidentemente, e não vai procurar um adulto que pensa assim para conversar sobre as sensações que ele tem fumando maconha ou cheirando cocaína. Ele vai procurar outros jovens que, em geral, já estão envolvidos na criminalidade, e se torna prisioneiro deles.

Deveriam também ser feitas campanhas na mídia, bem-feitas, idealizadas por quem conhece o assunto. Algumas dessas drogas não são em absoluto perigosas, como a maconha. Há consenso entre os pesquisadores que estudam os seus efeitos de que ela não é uma droga perigosa. Ela pode ser tão prejudicial quanto o cigarro com um, só que ninguém fuma três maços de cigarro de maconha por dia. Isso faz com que os efeitos da maconha sobre a saúde sejam até menores do que o cigarro comum. E, no entanto, o cigarro é vendido legalmente.

Temos que encontrar canais de diálogo para que os jovens explicitem quais são as visões e idéias que eles têm a respeito das drogas e por que alguns se perdem, ficam descontrolados e a droga passa a guiar suas vidas.

Esse jovem tem que ser ajudado do ponto de vista emocional, afetivo, da saúde, e não posto numa prisão e tratado como um criminoso, colocando-se um rótulo nele do qual nunca vai se livrar.

■ *É possível termos uma política de prevenção às drogas, levando-se em conta a nossa conjuntura social e econômica?*

AZ – Acho não só possível como necessário. Se nós todos mudarmos a cabeça, se a mídia resolver assumir sua tarefa, se o governo tiver vontade política para imprimir um novo rumo à sua política, esse jogo vai mudar. Já está acontecendo em vários países na Europa e até na Colômbia. Os colombianos desceram ainda mais baixo do que nós, e não podemos esperar para chegar ao nível deles para tomarmos decisões. Temos que mudar já, enquanto estamos ainda numa situação que é possível evitar catástrofes como a que aconteceu na Colômbia. Um jogador de futebol, porque faz um gol contra, é morto com 12 tiros. A situação de violência e o problema das drogas na Colômbia é muito pior do que no Brasil. Nós devemos, com base na experiência de outros países, tentar mudar o jogo por aqui e rapidamente.

■ *Pela sua resposta, se deduz que a questão não depende só da vontade governamental; tem que haver o apoio da mídia e da sociedade civil. Como ela pode interferir e ajudar nesse processo?*

AZ – A sociedade, assim como a mídia, pode interferir e ajudar mudando a sua atitude em relação aos jovens de modo geral, que estão sendo isolados e tratados de uma forma discriminatória e que, por causa disso, acabam nas mãos dos traficantes e dos policiais corruptos.

Não só a família, mas todos nós temos que nos conscientizar, nos reeducar para isso. Mas deveria se começar na escola e com campanhas na mídia, além de programas de tratamento para usuários dentro dos hospitais, já que, por enquanto, nós só temos um local onde isso é feito, que é aqui no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas (Nepad) da Uerj. A nossa experiência tem que ser espalhada, de tal modo que o jovem que está com problemas possa ter coragem e se sentir no direito de procurar um hospital para se tratar. De chegar lá e conversar com o médico, com a enfermeira ou quem seja, a respeito do que ele está vivendo e passando. Com seus familiares também. Essa é a maneira de impedir que ele se torne prisioneiro do traficante e do policial corrupto, que está levando esse jovem para a criminalidade.

“O jovem tem uma imagem péssima das instituições nas quais ele deveria confiar e não confia porque, para ele, estar com um cigarro de maconha não é crime nenhum”

■ *Como descriminalizar o viciado?*

AZ – Antes de mais nada, o uso de drogas e o vício são duas coisas distintas. Defendemos a descriminalização do uso, o que obviamente vai atingir o viciado, mas nem todo usuário é viciado, como nem toda pessoa que bebe é alcoólatra. Tem pessoas que fumam maconha socialmente, e não roubam a mãe para comprar drogas. Agora, tem pessoas que se tornam dependentes do fumo, do álcool, da cocaína, da maconha. Está provado hoje que o cigarro vicia, e o álcool, quando atinge a estrutura celular, cria uma dependência química também.

É uma bobagem achar também que todo usuário da cocaína e da maconha é viciado. A maior parte não é viciada. A cocaína vicia mais do que a maconha. Existe um percentual, que não sei qual é exatamente porque as pesquisas estão sendo feitas ainda, de pessoas que se tornam dependentes químicos. Ora, se o uso social e controlado não faz mal a ninguém e, às vezes, nem ao próprio usuário, por que tratar essa pessoa como criminosa? Não tem sentido.

Se o viciado tem algum problema físico ou mental – porque não está afastada a hipótese de que, na verdade, a dependência seja mais psicológica do que química, há uma enorme discussão sobre isso –, se essa pessoa tem algum problema e se torna viciada a ponto de roubar para pagar seu vício, tem que ser tratada como doente, e não como um criminoso. Colocá-la na prisão não vai resolver nenhum dos seus problemas e, lá dentro, ela só vai se tornar pior, primeiro porque não vai parar o vício; sabemos muito bem que as drogas chegam dentro da prisão. Segundo porque ela vai aprender um monte de coisas horríveis a respeito de como mergulhar cada vez mais dentro da carreira criminosa.

■ *Quais as consequências dessa política de repressão ao usuário?*

AZ – O aumento desse círculo vicioso – pois a violência no Brasil e no mundo aumentou por causa da droga, justamente porque se adotou uma política irracional de repressão, em vez de se apoiar na saúde e na educação – criou corrupção na polícia e no poder judiciário também (em menor proporção, mas criou), além de uma imagem péssima no jovem, que está começando a vida, a respeito das instituições nas quais ele deveria confiar e não confia porque, no entender dele, estar com um cigarro de maconha não é crime nenhum, e ele está com razão. Mas se a gente o trata como criminoso e o põe na prisão, ele tem toda a razão de ficar revoltado, especialmente se é pobre, negro e mora na favela.

Isso está acontecendo no Rio, por exemplo. Um policial sabe que o fulano de tal que mora na favela já foi apanhado com um cigarro de maconha. Ele vai sempre pegar aquele cara quando quiser mostrar serviço. E isso é uma ação que contribui para todos os círculos viciosos que levam um jovem pobre à criminalidade.

■ *Os profissionais que, atualmente, lidam com os usuários que os procuram têm preparo para tratar do problema de maneira correta?*

AZ – Não. E eu acho que é preciso fazer um seminário internacional – e eu até já propus isso aqui na Uerj – com os maiores especialistas, as pessoas que mais entendem disso no mundo todo. Há países que estão adiantados no tratamento dessas questões, como a Holanda, França, Espanha, Alemanha, Estados Unidos, onde estão sendo feitos esforços no sentido de buscar alternativas a essa guerra às drogas, que foi adotada no governo Reagan. Podíamos chamar essas pessoas para vir ao Brasil para termos a oportunidade de discutir com elas saídas e maneiras de agir em relação a esse problema. A partir daí, poderemos fazer um projeto para o Brasil. Devemos levar essa discussão para o público em geral, chamando pessoas que têm problemas na família ou na sua vizinhança para participar da discussão. Esse assunto está desagregando a vida social no Brasil. Devemos acabar com essa concepção errada de que o problema da droga se trata com repressão. Não se trata com repressão, mas com educação e com prevenção.

Eu desejo realizar no Brasil a Conferência Internacional de Redução de Riscos. Já participei de duas lá fora e agora quero trazer o encontro para cá, mas para isso preciso de apoio. Tem policial estudando o assunto na Alemanha. Ele acha que não tem sentido correr atrás do viciado, ele não quer mais fazer isso. Há carcereiros nos Estados Unidos que não querem mais tomar conta de viciados dentro das prisões, porque não é função deles. Médicos, psiquiatras, enfermeiros, cientistas sociais, economistas, pessoas da área jurídica, que vêm estudando essa questão há muito tempo e fazendo propostas, realizando coisas, já adquiriram experiência, sabem o que está certo e o que está errado. Nós precisamos aprender com eles e criar uma política de prevenção para o Brasil. O encontro deve ser apartidário, juntando todos os partidos, porque só trabalhando todos juntos é que poderemos solucionar o problema.

O Rio é o lugar ideal para sediar um evento como esse, justamente porque está muito visado como uma cidade onde o problema é grave, inclusive internacionalmente. Sediando o encontro, o Rio pode mudar essa imagem, mostrar que quer resolver o problema das drogas.

“Temos que encontrar canais de diálogo para que os jovens explicitem quais são suas idéias sobre as drogas e por que alguns deles se perdem no vício”

■ *Falar de drogas hoje é tão difícil quanto era há algum tempo falar sobre a Aids. Demorou muito para essa doença vir à tona no cotidiano...*

AZ – Exatamente. Só que por causa da proibição da droga, tem muito mais gente morrendo por causa dela do que por Aids. Muito mais, posso com tranquilidade afirmar isso. Especialmente no Rio e em São Paulo. Mas as pessoas não morrem diretamente pelo efeito da droga, que mata pouquíssimo. É aí que está o paradoxo. Morre-se por causa da proibição, por causa da maneira como se constituiu o narcotráfico; pela corrupção do policial que acaba formando grupos de extorsão que fazem chacinas, que matam gente que nem tem nada com isso, como no caso de Vigário Geral.

■ *Que tipo de ajuda o viciado deve receber? Como seria o seu tratamento?*

AZ – Olha, eu não sou especializada nisso para poder responder. O que eu percebo é que o tratamento psicológico é muito longo. Eu gosto muito do trabalho dos Narcóticos Anônimos, porque é muito efetivo. Eles têm uma forma de abordar a questão muito parecida com a dos Alcoólatras Anônimos, e têm conseguido fazer um trabalho muito bom (ver *cadernos do terceiro mundo*, nº 173, matéria “A união faz a força”). O que a gente deve fazer é multiplicar essas experiências e tirá-las do anonimato.

Do ponto de vista psicológico, precisamos ser mais pragmáticos e ter tratamentos mais curtos, mas ágeis e dinâmicos para resolver as situações mais imediatas. Esses jovens precisam desse tipo de tratamento, que já está sendo desenvolvido lá fora e devemos trazer para cá.

A dependência química altera a estrutura psíquica das pessoas, o que exige um trabalho grande de reforço da sua personalidade, de crença nela mesma, de uma auto-imagem positiva, para que ela consiga quebrar esse círculo vicioso.

■ *O consumo de drogas no Brasil aumentou muito nas duas últimas décadas, nas grandes capitais. Porém, nos últimos anos, se dá mais destaque ao problema no Rio de Janeiro. Por quê?*

AZ – Esse destaque ao Rio é só porque as coisas aqui são feitas mais explicitamente. Em São Paulo, o problema das drogas é mais grave, mas o tráfico lá encontra meios de trabalhar mais silenciosamente. O Rio sai mais no jornal também porque é muito mais visado, sempre foi. Mas a violência, infelizmente, aumentou muito mais no Rio do que em São Paulo. E isso não se explica, porque são as duas regiões metropolitanas mais ricas do Brasil.

■ *A droga, e o preconceito que vem com ela, questiona a teoria de que no Brasil há uma democracia racial, muito confundida com a democracia social. Sem pre se associa a figura do traficante e a do viciado ao do negro pobre. Qual a sua opinião sobre isso?*

AZ – Olha, eu acho que não é tão simples assim, que apenas o usuário pobre seja visto como um viciado. Essa é muito mais a imagem do policial que quer mostrar serviço. Mas isso está acontecendo também com os jovens de classe média e brancos. Eles também estão sendo achacados pelos policiais. Aumentou muito o número de estudantes de classe média que estão sendo processados e postos na prisão acusados de uso ou de tráfico.

■ *Num país como o nosso, onde as diferenças sociais são tão grandes, e a impunidade gera a corrupção, a senhora acha que é possível prender os verdadeiros responsáveis pelo tráfico, os barões das drogas que "moram na Vieira Souto", como diz o escritor José Louzeiro?*

AZ – Olha, eu acho que o Louzeiro exagera. Nós não sabemos se os barões do tráfico estão na Vieira Souto. Ninguém sabe, nem ele. Temos várias tentativas de descobrir a identidade dos grandes traficantes, mas é muito difícil. Nesses últimos anos, concentrou-se a repressão no traficante da favela (que é a pontinha do tráfico); mas quem lida com as toneladas de drogas, nós não sabemos quem são. Eu acho que não estão aqui no Rio, mas em Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia e São Paulo.

O que nós sabemos é que têm grandes fazendeiros envolvidos, pessoas que montaram empresas de fachada e que agora é que estão começando a aparecer, porque a Polícia Federal está mudando. Ela tem de ser investigativa e científica, e mudar a maneira de abordar o problema. Ela tem que descobrir por que canais está sendo tão fácil trazer cocaína para cá. Não adianta prender ou matar o traficante da favela, que lida com algumas dezenas de quilos, porque tem cinco para o substituir. É preciso mudar o enfoque. Os que lidam com as toneladas existem e não estão no Rio, pelas informações que eu tenho. Por exemplo, a cocaína é muito mais barata no interior de São Paulo do que no Rio. Ela chega lá de caminhão vinda da Bolívia e da Colômbia. Atravessa Rondônia, Acre, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo. É essa a rota que chega aqui no Rio.

■ *Na sua opinião, por que só a maconha e a cocaína são ilegais, quando há tantas drogas nocivas ao organismo humano sendo vendidas nas*

farmácias, como as anfetaminas e os inalantes, sem falar no caso específico do álcool?

AZ – Isso é uma questão muito séria. Nós sabemos que os países do Terceiro Mundo são discriminados mesmo, e nisso se inclui o preconceito contra as drogas terceiro-mundistas. E temos que partir daí e nos juntarmos aos outros que enfrentam o mesmo preconceito, e que estão tentando sair disso. O Judiciário da Colômbia, por exemplo, está tentando mudar a política interna do país. Se nós somos um país soberano, temos que fazer o mesmo.

Devemos resolver o problema internamente e adotar uma política similar à que está sendo adotada por vários países europeus, enfatizando principalmente a prevenção, a educação e a saúde. E não a repressão, que deve ficar reservada para aqueles que roubam, matam, agridem.

A lei deve ser efetiva para aqueles que fazem mal aos outros, e não para quem, no máximo, pode estar fazendo mal a si mesmo. Não se põe na cadeia quem bebe três doses de uísque e, no entanto, isso faz mal. Então por que essa coisa maluca de prender quem está com um toco de cigarro de maconha?

Temos que ter uma atitude mais realista e mais inteligente em relação a esse problema. Como nação, o problema das drogas tem que unir desde o militar até o favelado. Agora, culpar o favelado por uma coisa que vem de fora e de cima, não dá.

■ *Você acha que é possível, realmente, haver vontade política para promover essa mudança de mentalidade e de atitude?*

AZ – A curto prazo, não. Mas como a mudança é necessária, a gente tem que ir à luta de peito aberto, como eu estou fazendo, me expondo enormemente... Falo isso no Judiciário, na frente dos policiais que eu conheço; falo para o ministro do Exército. Tem que mudar a política, tem que ser uma política nacional de defesa da nossa soberania, porque o problema maior não está na entrada da cocaína, mas na entrada das armas de fogo. Quase nada está sendo feito para tentar impedir a entrada delas no Brasil. A única tentativa válida que eu vejo é a do Biscaia, que está tentando pelo menos investigar para ver qual é a participação da cúpula do bicho nesse tráfico.

Eu não tenho nada contra o jogo do bicho, pelo contrário, é inofensivo, dá para fazer um acordo com eles, legalizar, eles poderiam ajudar a desenvolver o turismo no Rio. Agora, se eles estão envolvidos com um monte de coisas ilegais e que causam dano, como importar armas de fogo que estão matando a juventude daqui, isso tem que ser combatido, é muito grave. Eu não quero que entre mais armas aqui, e cabe ao Estado brasileiro tomar alguma medida em relação a isso! ■

"Há carcereiros nos EUA que não querem mais tomar conta de viciados dentro das prisões, porque não é função deles"